



CARMEN SOUZA
carmensouza.df@dabr.com.br

**PRETOS
NO TOPO**



Também falamos sobre: Amamentação

No primeiro ano da pandemia, em busca de informações que ajudassem a melhorar as suas práticas clínicas, a pediatra Tiacuã Fazendeiro e a psicóloga Fernanda Lopes descobriram um movimento forte nos Estados Unidos de estímulo à amamentação entre as mulheres negras. “Por que não no Brasil?”, se perguntaram. E a dupla, em agosto de 2020, lançou a primeira semana de apoio à amamentação negra.

A ideia, explica Tiacuã, é qualificar profissionais de saúde para prestar assistência qualificada e orientar a população em geral sobre a importância da amamentação e suas especificidades. Elas preparam a edição deste ano, entre 25 a 31 de agosto (@amamentacaonegra). Tiacuã falou à coluna sobre a iniciativa e a dedicação ao tema. Confira os principais trechos da entrevista.

Estudos mostram um avanço nas taxas de amamentação no Brasil, mas não atingimos as taxas estabelecidas pela ONU. Como você avalia esses dados?

Tenho críticas a eles. Pegam dados do Ministério da Saúde, de uma pesquisa domiciliar, e, depois, para evoluir esses dados, pegam uma pesquisa do Enam (Encontro Nacional de Aleitamento Materno), que tem uma metodologia que não é abrangente. Então, da maneira como foram coletados, esses dados não refletem a realidade. Mas, mesmo superestimados, eles são horrorosos. Fico preocupada com a questão da culpabilização da mulher, de dizer que aumentar a taxa de amamentação depende só dela. Na verdade, depende da sociedade, depende de uma cultura. Não é só colocar a boca no peito. Se fosse, já estaria resolvido. Como a mulher vai estar em casa e dar conta de amamentar um bebê de maneira exclusiva até os 6 meses, como é recomendado pela OMS, se ela não tem segurança de que, quando voltar a trabalhar, vai se manter no emprego? Isso se ela tiver emprego registrado, porque a gente sabe que boa parte dos trabalhadores informais é composta por mulheres negras. Dizem que ela pode ordenhar e deixar o leite. Mas esse tempo de amamentar e ordenhar está tirando o tempo dela trabalhar. Seria uma possibilidade para ela? Se a gente não tiver uma garantia de acesso a direitos para todas as pessoas, não tem como a taxa de mulheres que amamentam aumentar de fato. Precisamos, enquanto sociedade, garantir os direitos para que todas possam amamentar.

A pandemia da covid-19 dificultou esses processos?

Sim, em vários aspectos. Por exemplo, a gente sabe que a violência

doméstica aumentou. Não aumentou só contra a mulher, também aumentou contra as crianças. Então, a diade envolvida na amamentação foi diretamente impactada. Houve também um grande empobrecimento da população, a ponto de a gente voltar a ter fome no país. Como você amamenta com fome? Tem um dado muito grave sobre o aumento das mortes maternas, já que o pré-natal foi afetado. Quem é que vai amamentar a criança que nasceu depois que a mãe morreu? Do ponto de vista mais individual, penso naquele dizer africano que diz que é necessário uma aldeia inteira para educar uma criança. E, de fato, é necessário. A solidão materna é algo destruidor da psiquê. Então, essa mulher que ficou isolada em casa, que não teve contato com a mãe, com a irmã que pudesse ajudá-la, se sentiu sozinha e fragilizada. A gente está em um mundo que questiona a potência dos nossos corpos o tempo inteiro. Então, nessa mãe isolada, surgiu essa coisa de não sei se sou capaz, não sei se essa criança está alimentada. Vou inserir outras coisas para dar conta, uma mamadeira, o leite artificial. E isso coloca a amamentação em risco.

Como fazemos um recorte racial desses processos?

Tem a questão da pobreza. Entre as pessoas pobres, a maior parte é negra. Se a gente pega as famílias monoparentais, que só tem um adulto, a maior parte é negra. Dentre essas famílias, quem chega mais rápido à linha da pobreza são as mulheres negras. Quando a gente vai olhar salário, as pessoas negras ganham menos. Então, como falei, as questões sociais vão impactar diretamente na amamentação. Mas tem uma questão histórica com as mulheres negras também. Mesmo após o fim legal da escravidão,



REUTERS

Arquivo pessoal



Não é só colocar a boca no peito. Se fosse, já estaria resolvido. (...) Precisamos, enquanto sociedade, garantir os direitos para que todas possam amamentar"

Tiacuã Fazendeiro

elas continuaram sendo usadas como amas de leite. Então, a amamentação no Brasil ganhou essa coisa de ser algo que não é adequado para as mulheres de classes sociais mais altas, virou algo que precisa ser feito escondido. Essa história traz um peso para as mulheres até hoje.

Como isso chega hoje na clínica?

Na minha prática, essa história vem de duas maneiras. Uma é: eu tenho dinheiro para comprar fórmula e não preciso amamentar essa criança. A outra é: quero ressignificar a minha amamentação porque eu posso amamentar a minha criança e não preciso amamentar as outras. E as duas formas são muito pesadas. A mãe que não amamenta e a criança

que não é amamentada estão deixando de ter benefícios. Já a mãe que amamenta faz com tanto peso que, quando ela tem o desejo de limitar a demanda ou de desmamar, ela mesmo se invalida.

De que forma a atuação dos profissionais de saúde interfere nessas questões?

Por exemplo, esse entender de que a mulher negra é mais forte faz com que ela receba menos anestesia pós-parto. Eu não tenho dados estatísticos para falar sobre ela receber menos cuidados para a dor mamária, mas posso inferir, já que não foi pesquisado. Posso inferir que elas têm mais dificuldade em encontrar ajuda quando sentem dor. Eu tenho um caso que acompanhei no SUS de uma mulher negra que teve que amputar o mamilo. Imagine a dor que ela estava passando ao amamentar, e os profissionais dizendo que era assim mesmo, que ela ia se acostumar. Fico imaginando se isso aconteceria com uma mulher branca. É um caso individual, mas conhecendo a nossa sociedade, a gente consegue extrapolar para o todo.

Como a semana de apoio à amamentação negra surge diante dessas suas experiências?

Indo buscar estudos sobre a amamentação com desfechos diferentes, descobrimos que existia nos Estados Unidos a campanha Black Breastfeeding Week (semana do aleitamento materno negro) e nos perguntamos por que que no Brasil não tinha algo do tipo. A gente resolveu começar na pandemia. Preciso ser on-line, e acabou tendo um alcance muito grande. A gente gosta de convidar as pessoas a olharem, primeiro, à sua volta. Se tem 54% da população negra no país e, na sua assistência, elas não estão chegando, o que está acontecendo? Aí, é olhar as diferenças para promover equidade, não para promover mais diferenças.